

FECHADURA DESGRAÇADA

O conto a seguir foi criado no século passado, lê pelos inícios dos anos noventa para participar de um concurso mensal promovido pela revista Escrita, antes de ser revisado e disponibilizado conforme a seguir...

Decididamente o Sr. Dirceu não estava de bom humor.

Ontem, enfrentou um trânsito infernal suportando o som do ronco dos escapamentos, buzinas, chingamentos, gritos e até apitões dados pelos guardas.

À noite, não conseguiu dormir devido à barulheira infernal promovida pelos gatos da vizinhança.

Agora pela manhã, devido ao péssimo período de sono, chegou sete minutos atrasado na porta do seu serviço onde se deparou com seus empregados que o aguardavam.

Sentiu-se envergonhado, pois, justamente ele, era excessivamente exigente em matéria de cumprimento de horários.

Na verdade não se tratava de uma simples exigência excessiva, e sim de uma neurose.

A tal ponto, que não aceitava desculpa de espécie alguma que justificasse atrasos ou faltas.

Hoje, todos estavam ali para verificar que, ele, o guardião do cumprimento do horário, estava chegando atrasado.

Para o seu regozijo, percebeu que um dos empregados também não havia chegado na hora certa.

Neste infeliz, o Sr. Dirceu descontaria todas as suas neuroses.

E já que chegara atrasado, agora só restava abrir as portas do estabelecimento e colocar logo a turma para trabalhar, assim o fato seria logo esquecido.

Com a cara carrancuda de todos os dias, ele tirou o chaveiro do bolso, separando a chave que abriria o único portão de acesso.

Não gostava de abrir aquele portão.

Toda vez que abaixava para enfiar a chave na fechadura, a parte de trás de sua camisa saía para fora da calça, o que, lhe obrigava a abrir o cinto, descer as calças e arrumar novamente a camisa.

Por isso, passou o chaveiro para Jurema.

Boa menina, morena gorducha e meio feiosinha, ela enfiou a chave na fechadura e...

Não conseguiu girá-la.

Ela que abria a porta todos os dias encontrou alguma dificuldade anormal e ficou meio pensativa...

Rose, uma loira que ali também trabalhava, vendo a indecisão da colega, para mostrar serviço, tirou o chaveiro das mãos da colega e, de nariz empinado foi fazer sua tentativa.

Desta vez também, a colega foi igualmente mal sucedida.

Afastou-se reclamando e foi substituído pelo auxiliar administrativo Aécio que, um pouco mais paciente, trabalhou bastante no problema.

Tentou, tentou, tentou, tentou até que conseguiu entortar a chave.

Nesse momento, o Sr. Dirceu quase teve um ataque cardíaco.

Furioso, abaixou-se para verificar ele próprio se conseguia obter resultado mais favorável.

Vale destacar que, além de suas camisas saírem para fora das calças, quase saiu

também o “cofrinho”...

Abaixado, quando foi fazer sua tentativa ouviu um cordial...

-Bom dia para todos! Cheguei.

Como um raio o Sr. Dirceu se levantou e foi na direção do infeliz que ousara chegar atrasado.

-Senhor Jefferson! São oito horas e nove minutos! O senhor por acaso se lembra do horário combinado? E não cortou este cabelo cumprido por-quê? Será que todos os dias vai ser a mesma coisa? Se a situação continuar assim, o senhor já sabe hein... Já sabe...

O senhor Dirceu se abaixou novamente e voltou a dedicar atenção à chave emperrada na fechadura!

Nesse ínterim, Jefferson se aproximou de Rose e começou a cochichar para ela as suas aventuras amorosas da noite anterior.

-Senhor Jefferson. - Esbravejou o Senhor Dirceu.- Quer se manter calado enquanto eu tento abrir esta fechadura desgraçada?

Jefferson ficou calado e observando o sr. Dirceu tentando resolver o problema.

-Seu Dirceu... Posso dar uma sugestão?

-Não senhor Jefferson! Todos aqui já deram sugestões e fizeram tentativas. Se o senhor tivesse chegado nove minutos mais cedo, o senhor poderia dar a sua maldita sugestão.

Mais alguns minutos de silencio se passaram enquanto o chefe tentava resolver o problema.

Em conseqüência disso, seus cabelos se desalinhavam e ele já transpirava bastante.

Nesse instante, Jefferson se manifestou novamente:

-Seu Dirceu, o senhor não deve ter reparado, mas...

-Quer se calar, senhor Jefferson? Não dá para manter a sua maldita boca fechada?

Com o rosto todo lubrificado de suor e vermelho, o senhor Dirceu ficou de pé e começou a chutar com violência a carcaça da fechadura.

Abaixou de novo e tentou abrir mais uma vez, porém, o resultado foi o mesmo.

Aí ele ficou mais enfezado ainda.

Deu novos chutes até que entortou mais ainda e quebrou a chave.

Olhou então o resultado da sua explosão de fúria e quis descontar em alguém.

-Senhor Aécio! O senhor é um incompetente. Um estúpido! Se não fosse pela sua brutalidade com a chave, esta não teria se quebrado. O senhor está despedido! Entendeu bem? Despedido!

Com voz chorosa, o Senhor Aécio ficou sem rumo...

-Mas senhor Dirceu... Eu apenas tentei abrir a porta... Foi o senhor mesmo que quebrou.

-Não quero saber! Não quero saber! O senhor está despedido... Agora você, senhor Jefferson. Vou mandá-lo para a rua também. Estou cansado desse seu cabelo longo e seus atrasos constantes.

Jefferson ficou boquiaberto e paralisado, não sabia o que dizer ou fazer.

O senhor Dirceu também não deu muito tempo para reação nenhuma, virou-se de costas para o ex-empregado e continuou a chutar a porta enquanto maldizia o dia em que havia escolhido aquela fechadora.

-Senhor Dirceu... - Balbuciou Jefferson. - O senhor não reparou, mas...

-Quer se calar? O senhor já não foi despedido? Por-que ainda não foi para casa? Está esperando o quê?

Nessas e outras, todo munto que passava pela rua, já acompanhava com mais atenção a gritaria feita pelo senhor Dirceu.

O transito quase parou para que o espetáculo fosse melhor apreciado.

-É que eu queria dizer que...

-Quer calar essa sua maldita boca, por favor?

Demorou, mas Jefferson perdeu a paciência.

Com uma violência que não era sua, empurrou o Senhor Dirceu para o lado e, enfiando os dedos por dentro da fresta que havia entre a porta e o chão, abriu-a num só movimento.

-Senhor Dirceu. - A porta já estava aberta, por isso a chave não virava.
